

ARTE E TECNOLOGIA: QUESTÕES SOCIAIS E O CORPO

Manoela Freitas Vares (UFSM)¹

Resumo

Ao entender o artista como ser social e político, nesse artigo, procura-se compreender como as modificações na sociedade, dentre elas, o notável crescimento na criação e demanda de novas tecnologias, faz com que elas insiram-se na produção artística e apontem questionamentos significativos para o nível social. Ocorre que o ser-humano, ao confrontar-se com a idealização de um corpo perfeito ou a atual exploração das capacidades físicas ao limite, considera alterar suas propriedades corporais através das tecnologias. Assim, recorre às intervenções de cirurgias plásticas e implantes, sem refletir se estas operações são realmente necessárias, de modo que não basta apenas que as tecnologias permitam novas potências: é necessária uma reflexão sobre as consequências que determinadas modificações corporais possam trazer. Para fundamentação dessa análise, apresenta-se a obra *Omniprésence* (1993) de Orlan, a qual satiriza a imposição de padrões de beleza e ressalta a subversão carnal causada por essas modificações através da exibição pública de vídeos e fotografias de suas "operações-cirúrgicas-performances". Quanto às novas potencialidades físicas buscadas, destaca-se aqui, a obra *Ear on Arm* (2008) de Stelarc, na qual o artista implanta, em seu braço, uma orelha criada em laboratório com a função de "ouvir" através de um microfone implantado e transmitir os sons recebidos por meio de uma conexão sem fio à internet. Entende-se assim, que as obras aqui envolvidas, criam e permitem refletir sobre uma estética corporal diferenciada, de um corpo manipulado e levado além de seus limites através do uso das tecnologias. Além disso, através de seus processos, os artistas nos apresentam modificações que nos levam a avaliar as vantagens e também as consequências que tais procedimentos trazem.

Palavras-chave: Arte e Tecnologia, Orlan, Stelarc, Corpo.

Abstract

*By understanding the artist as a social and political, this article seeks to understand how changes in society, among them the remarkable growth and demand in the creation of new technologies, makes them enter into the artistic production and bring significant questions to the social level. It happens that the human race, when confronted with the idealization of a perfect body or the current operation to the limit of physical, bodily considers changing its properties through technologies. Thus, interventions resorts to plastic surgery and implants, without reflecting whether these operations are really necessary, so that's not only the technologies that enable new powers: it's necessary to consider the consequences that certain bodily changes can bring. For reasons of this analysis, we present the work *Omnipresence* (1993) by Orlan, which satirizes the imposing beauty standards and highlights the subversion carnal caused by such modifications through the public viewing of videos and photographs of their "surgical operations-performances". For new physical capabilities sought stands out here, the Stelarc's work *Ear on Arm* (2008), in which the artist deploys in his arm, an ear created in a laboratory with function "hear" through a microphone implanted and transmit the sounds received via wireless connection to the internet. It is understood so that the works involved here, and let you think about creating an aesthetic differentiated body, a body manipulated and taken beyond its limits through the use of technology. In addition, through its processes, the artists present us with modifications that lead us to evaluate the advantages and also the consequences that such procedures bring.*

Key-words: Art and technology, Orlan, Stelarc, Body.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) na linha de pesquisa Arte e Tecnologia sob a orientação da Prof. Dr^a. Nara Cristina Santos. Bolsista CAPES. Integrante do Grupo de pesquisa Arte e Tecnologia/CNPq e do Laboratório de Pesquisa em Arte Contemporânea, Tecnologia e Mídias Digitais - LABart. Email: manu.vares@gmail.com Telefone: (55) 9153 8757

Para iniciar esse artigo, deve-se pensar, primeiramente, em como nós, seres humanos, nos relacionamos com as tecnologias. Apesar de admitir que estas existem há muito tempo, e que seu desenvolvimento vem alterando constantemente a condição humana, iremos nos concentrar em analisar como as tecnologias atuais modificam não só aspectos culturais, sociais, trazendo novas questões de cunho ético e político, mas também ao próprio corpo humano, tornando possível a criação de novas viabilidades estéticas.

Destaca-se a influência do período da 1ª Guerra Mundial, quando acontece uma intensa modernização e mudanças nos papéis sociais, como, por exemplo, o do gênero feminino. Essas mudanças podem ser notadas também a partir da Arte, como exalta Jennifer González (2000, p.542-543) ao tratar de uma obra de Hannah Höch, chamada *Das Schöne Mädchen* (1920) - A Linda Garota - onde a garota representada tem partes de seu corpo retiradas e substituídas por objetos que simbolizam o mundo moderno: a roda com pneu, demarcando a evolução dos transportes, o relógio, representando um novo tempo, o lodo da companhia de carros BMW, como símbolo daquela sociedade, dentre outros.

Paul Virilio, em seu livro *A Arte do Motor* (1996) considera que as relações entre seres humanos e máquinas, e atualmente com as tecnologias, muda a partir do desenvolvimento dos meios de transporte - cuja “tecnologia” transforma-se consideravelmente - que diminuíram consideravelmente o tempo de viagem de um lugar a outro do mundo. Dessa maneira, pode-se pensar que além da rapidez nos transportes apontada, com o surgimento de fax, telefones, e a seguir, da internet, ocorre também um desenvolvimento das redes de telecomunicações, pois não são somente as pessoas que estão se locomovendo mais rápido, mas sim toda a informação. As notícias espalham-se por todo o mundo, bem como ocorre um rápido processamento da informação e da troca de arquivos. O fato de todos estarem conectados permite ainda uma troca, ou uma interação entre pessoas de diferentes lugares no espaço - assim, modificam-se consideravelmente, os conceitos de tempo e de espaço. Além dessas modificações, Marc Augé, em seu livro *Não-lugares* (1994) faz uma importante colocação, quando afirma que as mudanças propiciadas pelas tecnologias ocorrem a nível de modificar os já citados conceitos de tempo e espaço, mas esclarece que a partir dessa transformação, também a subjetividade humana acaba sendo afetada, pois o ser humano precisa se adaptar à eles. O autor explica essas mudanças, dizendo que ocorre uma necessidade de individuação cada vez maior, justificando a grande necessidade de consumo que temos, estando incluídas nessa, as modificações corporais.

O corpo

Edvaldo Souza Couto (2000, p. 133), afirma: “o corpo humano, mais que um objeto da natureza, é uma constituição cultural, e as mutações não são recentes”. Assim, ele defende que as modificações estão inseridas dentro de cada cultura com seu devido significado e dentro dos “limites tecnocientíficos de cada época”. Reitera-se

então, a importância dos recursos tecnológicos que existem atualmente, para que se possa realizar intervenções no corpo humano, buscando tanto por um processo de individuação, quanto por prazer estético, visando a uma auto-satisfação do indivíduo.

Também pensa ser o homem diferente dos outros seres, isto é, por seu corpo, pois o homem é um ser que se situa numa relação ambígua com sua própria imagem, ambiguidade que o leva a retocar seu corpo de múltiplas maneiras, deformando-o, mutilando-o, ornamentando-o através de tatuagens, escarificações, maquiagem, cirurgia plástica... [...] (THEVOZ, 1984, p.7 apud FRAYZE-PEREIRA, 2006, p. 48)

Compreende-se o homem então, como um ser estético que se preocupa e visa o aprimoramento de sua aparência, através das mais diversas modificações em seu exterior, a parte de si que é vista constantemente pelos outros: seu corpo. As motivações pessoais, portanto, advêm tanto da subjetividade de cada pessoa, como também de influências externas que podem variar de acordo com o período o qual a pessoa vivencia. Assim, torna-se interessante apontar o exemplo citado por Koiti Anzai (2000, p. 72), ao dizer que ao mesmo tempo em que, no Estado Novo no Brasil, os homens eram influenciados a aprimorar sua capacidade corporal através do exercício físico, as mulheres eram forçadas a um ideal de beleza quase padronizado, e que era frequentemente apresentado por pessoas famosas:

Tais padrões seguiam, na maioria das vezes, aqueles incorporados nas artistas de cinema [...] que despertavam nas mulheres o desejo pela aquisição de corpos delineados como aqueles mostrados pelas telas dos cinemas e fotografias das revistas. (ANZAI, 2000, p.72)

Esse padrão, no entanto, parece perdurar até os dias atuais. As normas estéticas podem ter se modificado, mas observa-se que as mulheres continuam a creditar às mulheres 'perfeitas' que aparecem na mídia, a esperança de um corpo ideal. Assim, com o desenvolvimento das técnicas de mudança corporal e o avanço das descobertas tecnológicas, que prometem resultados cada vez melhores, atualmente, grande parte das modificações é realizada através da cirurgia plástica visando deixar o corpo com um aspecto naturalmente perfeito, sem marcas de qualquer intervenção. Assim, pode-se dizer que - salvo quando são realizadas para interferir em alguma imperfeição que atrapalhe a vida da pessoa, como a correção de desvio de septo ou a cirurgia a laser na retina, para possibilitar uma visão adequada - a realização de cirurgias ocorre, na maioria das vezes, pelo simples desejo estético.

Uma vez que a sensação necessariamente inere em um corpo, trata-se aí de um novo modo de gozo que encontra seu alvo no corpo, e não na mercadoria externa a ele, até o ponto de o próprio corpo ter se tornado a mercadoria favorita das mídias. De fato, uma atenção mais detida aos

modos contemporâneos de gozo leva-nos inevitavelmente a perceber que muitos deles levam ao corpo ou a ele se relacionam: os flagelos da carne no *piercing* e tatuagem, os distúrbios alimentares na bulimia, anorexia e compulsão alimentar, a obesidade, o horror ao envelhecimento, a remodelagem contínua do corpo no *body building*, nas orgias do silicone, nas metamorfoses resultantes das cirurgias plásticas e, pautado na exaltação desses emblemas narcísicos, o exibicionismo exacerbado do corpo nas mídias e o conseqüente “voyeurismo” institucionalizado. (SANTAELLA, 2004, p. 8-9)

Entende-se que a mídia é vista como grande responsável pelas modificações, pois de certo modo impõe - através de repetidas imagens de corpos desejáveis em propagandas, personagens de novelas, filmes e outros - corpos anatomicamente perfeitos, sem marcas, dotados de uma grande beleza física e que parecem ir contra a natureza humana, afinal, o corpo, como qualquer objeto, sofre com as ações do tempo, criando marcas como cicatrizes e rugas. Por mais que seja de conhecimento geral que as perfeições - demonstradas no nosso cotidiano, por outdoors, revistas e outros meios de comunicação e propaganda - muitas vezes são frutos de manipulações de imagens, no inconsciente humano pode surgir uma vontade de também ser tão perfeito, gerando muitas vezes, insatisfações um tanto exageradas e exigentes com o seu próprio corpo.

O que há por trás de uma cirurgia estética? A Arte Carnal de Orlan.

É justamente a questão da influência das mídias sobre as modificações corporais que se torna uma das críticas apontadas pela produção da francesa Orlan². Para ela, a única maneira de investir contra as atuais exigências da sociedade é através de seu próprio corpo - a partir disso, a artista faz uso do recurso científico das modernas técnicas de cirurgia plástica para desenvolver suas questões poéticas.

Agi sem medo, não me sentindo de maneira alguma influenciada ou ameaçada pelo medo coletivo e ancestral de atentar contra a integridade do corpo. Este sentimento anacrônico vindo da ideia de que o corpo - antigamente considerado como a obra-prima de Deus - é sagrado e intocável, intransformável. (ORLAN, 2008, p. 43)

Durante a obra *Omniprésence* (1993), série composta por sua sétima, oitava e nona intervenções plásticas, a médica feminista, Dra. Marjorie Cramer, que também executa uma performance por si só, insere implantes nas bochechas e queixo de Orlan. Além disso, a apresentação, fazendo referência ao nome, é transmitida ao vivo da

² Artista multimídia, nascida em Saint-Etienne, França, em 1947. Desde 1965 se dedica a trabalhos com fotografia, vídeo, escultura, instalação e, mais recentemente, por suas performances, chamadas “operações cirúrgicas-performances”, como ela mesma nomeia sua linguagem artística.

Galeria Sandra Gerin, em Nova York, para quinze lugares do mundo, entre eles o Centro Pompidou, em Paris e o Centro McLuhan, no Canadá. A artista utiliza-se apenas de anestesia local, e assim permite que além de assistir aos processos cirúrgicos, os espectadores desses locais possam, inclusive, fazer perguntas à artista, que as responde quando o procedimento permite.



Figura 1 –*Ominipresence* (1993). Orlan

Catherine Millet (1997, p. 101) explica o processo de realização das suas obras, ao dizer que foram necessárias “numerosas operações-performances para conformar o rosto da artista com diferentes modelos da história da arte, dar-lhe o queixo da Vênus de Botticelli ou a testa da Mona Lisa”, mas é importante salientar que em suas obras, a principal questão não é como o rosto ou o corpo da artista ficam após as intervenções, mas sim o processo de realização da própria modificação. Ao transmitir suas cirurgias, a artista, além de tornar o espaço privado de uma cirurgia plástica - que normalmente acontece a portas fechadas - em uma apreciação pública, a artista almeja que as pessoas sintam-se desconfortáveis diante do escárnio de sua pele e de sua carne, e reflitam sobre os processos dolorosos envolvidos em cirurgias cosméticas, os quais muitas pessoas parecem querer ignorar. Assim, além da exibição em tempo real, durante os 40 dias posteriores ao momento da cirurgia, a artista também cria material para ser divulgado, como pequenos vídeos e fotografias, nas quais compara seu rosto inchado e deformado ao rosto de deusas da mitologia Grega, buscando destacar a dor que passou tentando se igualar a padrões de beleza idealizados. É o que acontece, por exemplo, na fotografia que a artista chama de *A segunda boca*.



Figura 2 - *A segunda Boca* (1993). Orlan

Apesar do trabalho de Orlan parecer fazer uma crítica à tecnologia, demonstrando como, ao entrar em contato com o corpo humano, ela demonstra sua fragilidade, Alexandre Santos (2009) afirma que ao demonstrar os procedimentos fatigantes de uma intervenção cirúrgica, Orlan não se coloca contra a tecnologia, apenas faz transparecer seu “avesso” quando “denuncia o consumismo exacerbado do belo enquanto imagem que não fala do sofrimento, mas curva-se, idólatra, à estética padrão”, ou seja, demonstra as experiências nada virtuosas pelas quais passa quem se submete à cirurgia almejando os padrões idealizados de beleza.

Orlan (2008, p.43-45) define sua produção como algo diferente da Body Art ou Arte do corpo. Para ela, sua arte denomina-se Arte Carnal, pois ela vai além das pesquisas com o corpo, adentrando-o, chegando a suas entranhas e expondo o sangue, a carne. A artista defende que a Arte Carnal serve para refletir acerca das intervenções feitas pelas novas tecnologias no corpo, e também às manipulações genéticas.

O nosso corpo é construído, segundo a artista, pelas ideologias dominantes que propagam a ideia de como devemos nos relacionar com nosso corpo e com outros corpos. Ao questionar isso, Orlan diz que a partir das suas intervenções ela se afasta dessas ideologias, por não querer ser transformada em um estereótipo, mas sim num arquétipo com potência de atualizações. (MEDEIROS, 2009, p. 113-114)

Medeiros nos afirma que Orlan - longe de querer se tornar o estereótipo da mulher que se entrega a todos os métodos que possam fazer dela, mais próxima dos padrões de beleza, o qual critica enfaticamente em suas produções - entende seu corpo como algo atualizável, uma potência em constante devir, que pode ser manipulado através das tecnologias.

Nesse ponto, é conveniente perceber, que além da modificação puramente estética, o desenvolvimento das tecnologias também nos propicia fazer alterações no corpo em proveito do melhoramento das suas capacidades físicas, tanto em um

sentido de melhorar as condições de pessoas que possuem alguma deficiência física, quanto na possibilidade de ampliar suas funções e percepções. A velocidade de desenvolvimento em nível tecnológico, supracitada no texto, exige que nos adaptemos, e as tecnologias parecem sempre surgir em função de nos auxiliar, de ajudar nosso corpo a ultrapassar suas limitações.

E quando as cirurgias ampliam as capacidades de nosso corpo?

Visto em comparação aos frequentes desenvolvimentos tecnológicos, o corpo humano está começando a ser considerado, por alguns, como obsoleto, ultrapassado. Entre os principais defensores, em meio a filósofos e antropólogos, distingue-se a atuação do artista Stelarc³, o qual defende a criação de um novo corpo humano através da exploração de diversos campos científicos.

Em um de seus projetos mais polêmicos, chamado *Ear on Arm* (1997-presente), o artista implanta em seu braço, por meio de cirurgia, uma orelha criada artificialmente através de um material moldável. O artista esclarece que futuramente, a partir da pesquisa com células tronco, acredita poder fazer sua orelha crescer e se tornar mais tridimensional. Nesse caso, a orelha, que iria ser implantada em seu rosto, foi realocada para o interior de seu braço, devido à elasticidade da pele e aos danos que poderia causar nos músculos e outras estruturas de sua face.

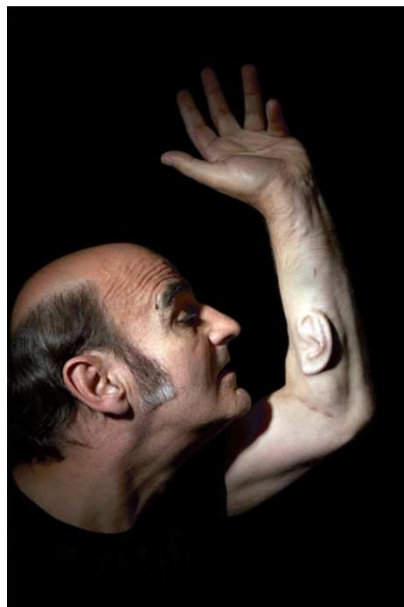


Figura 3 – *Ear on Arm* (1997-). Stelarc

³ Nascido em 1946 em Limassol na Ilha de Chipre. Atualmente é professor da *The School of the Art Institute of Chicago* (EUA) e um dos principais nomes brasileiros na área de arte e tecnologia. Sua pesquisa é interdisciplinar e desenvolve-se principalmente em torno da arte, da genética e da tecnologia.

O principal motivo pelo qual Stelarc deseja implantá-la deve-se ao fato de que ele almeja que a sua terceira orelha 'ouça' e, além disso, que ela possa transmitir os sons obtidos para a internet, através de uma conexão sem fio, para que pessoas de diversas partes do mundo possam ouvir os sons de onde o artista se encontra. Para isso, Stelarc tenta implantar um microfone, que posteriormente é retirado, devido a complicações, mas que não o impede de continuar com o plano de reinseri-lo até os dias de hoje.

Explicando seu trabalho, em seu site⁴, o artista afirma que o mais importante não é uma identidade corporal, mas sim a sua conectividade, e que acima da mobilidade de um corpo, está a possibilidade de ele ser um corpo com interfaces. Assim, exalta-se o caráter evolucionista do artista e suas crenças, de que se pode - e de que a sociedade ainda irá recorrer muito às tecnologias quando se trata de melhorar seu corpo, e assim sua saúde, durabilidade, expandir seus movimentos e capacidades, além de modificar suas percepções. Afinal, para ele, "o que tem sentido já não é a liberdade de ideias, mas a liberdade de formas: a liberdade de se modificar e mudar o corpo" (STELARC, 1997 apud GIANNETTI, 2010, p. 33).

Ao mesmo tempo em que potencialmente o artista amplia as funções corporais, ele atribui ao seu próprio corpo uma nova estética. Para o público que o observa com uma terceira orelha em um lugar nada convencional, a sensação pode ser de estranhamento, mas seria Stelarc o primeiro homem com três orelhas? Seria ele o primeiro a desencadear em nossa espécie uma maior aceitação de um corpo propositalmente modificado dessa maneira? Enquanto a sociedade atual ainda tenta acostumar-se a modificações leves, que se dão apenas no limite da pele, como piercings e tatuagens, Stelarc, aproveitando-se do seu papel de artista, experimenta todas as possibilidades, aproveita ao máximo as descobertas tecnológicas, e as traz para um novo contexto, atribuindo-lhes novos usos e potencialidades, contribuindo para que atualmente, discuta-se até sobre uma estética das próteses.

[...] o transplante de rostos e membros inteiros e a cirurgia estética para inserção de próteses de silicone visando atender a padrões estéticos midiáticos tornaram-se algo trivial; a proposta de Stelarc parece olhar mais adiante no tempo, vislumbrando um momento em que as modificações biotecnológicas do corpo não visarão apenas reparar partes defeituosas ou atender a uma demanda estética vigente, mas sim criar extensões orgânicas com o objetivo de amplificar os sentidos e implementar a interface com o mundo (FRANCO, .2010, p. 110)

Destacável ainda é a persistência do artista em tentar concluir sua obra. Muitos cirurgiões recusaram-se a realizar o procedimento por causa de sua complexidade e pelo alto risco que essa intervenção poderia trazer, além disso, na impossibilidade de realiza-lo nos Estados Unidos, como pretendia, devido às leis locais, o artista teve de realizar seu implante na Europa.

⁴ <http://stelarc.org/?catID=20242>.

É preciso pensar também sobre as consequências do uso das tecnologias?

Certamente não foi permitido ao artista Stelarc realizar seu procedimento nos Estados Unidos por questões legais do país, que possivelmente foram definidas a partir de questões éticas, religiosas e políticas. Assim, torna-se importante também, refletir sobre como as modificações corporais dos dois artistas, Orlan e Stelarc, implicam em nossas considerações sobre as tecnologias e as novas possibilidades trazidas por elas.

Não se pode negar que as tecnologias são responsáveis por incríveis transformações à medida que começam a se tornar mais próximas a nós e passam a ser utilizadas como modo de questionar o corpo humano e suas questões, como extensores corporais e instrumentos para melhorar a sua produtividade e rendimentos. Mas a questão principal é se é necessário aceitar todas essas mudanças, graças às facilidades que estas trazem, ou deve-se, com receio, refletir sobre elas?

Ao mesmo tempo em que se encontram pessoas a favor de todas as experimentações tecnológicas possíveis, acreditando que estas só podem melhorar a condição humana, há aquelas que as tratam com temor por achar que as tecnologias poderão se desenvolver em um nível que começarão a questionar a natureza humana e assim, prejudicar a nossa espécie.

Torna-se necessária, então, uma união entre os campos da técnica e da ética, pois à medida que a primeira se desenvolve, a segunda também deve progredir para poder acompanhá-la, pois se observa que a cada nova criação tecnológica, esta traz, indiscutivelmente, novas consequências para o seu entorno, sejam elas boas ou ruins. Destaca-se aqui, o paradoxo criado pelas tecnologias, apontado por Michel Tibon-Cornillot:

[...] temos então de reconhecer que os nossos desenvolvimentos levam a resultados contraditórios: diferentes das ciências nas suas finalidades e relações com os corpos humanos, responsáveis pela preservação da integridade da nossa espécie desde há milênios, as técnicas participam agora de forma privilegiada na sua transformação. (TIBON-CORNILLOT, 1992, p. 304)

Desse modo, o autor demonstra uma preocupação com a espécie humana, que, de acordo com sua visão, está sendo transformada pela utilização de tecnologias. Ao mesmo tempo em que estas mantêm a espécie viva por cada vez mais tempo - e hoje se acredita, inclusive, que elas poderão propiciar imortalidade – elas a descaracterizam.

Cabe então, aos comitês de ética mundiais, discutir incessantemente e de maneira eficaz sobre essas questões, e, de acordo com os estudos de milhares de pesquisadores, estabelecer os limites e transgressões que poderão ser ofertadas aos experimentos científicos que envolvem modificar o corpo humano através das tecnologias.

Considerações

Devemos atentar à parte física, à parte estética dessas modificações. O que se percebe na sociedade é certo receio, principalmente devido ao fato de que Orlan, com seus implantes faciais, ou Stelarc, com sua terceira orelha, fogem dos padrões humanos criados a partir da imagem e semelhança de Deus, lembrando que qualquer ato sobre essa natureza 'divina' pode ser visto com maus olhos por pessoas com crenças mais fervorosas.

Os dois artistas demonstrados nesse artigo são conflitantes em seus posicionamentos diante da tecnologia: enquanto Stelarc parece ser um autêntico entusiasta, expondo apenas seus pontos fortes, Orlan trabalha num sentido de denunciar questões sociais impostas por meio da tecnologia. Mas não se propõe aqui, entender que a artista é contra o avanço tecnológico, pois ela mesma o utiliza em suas propostas, a diferença é que ela também nos faz refletir sobre suas consequências.

Entende-se que os temores de novas modificações sociais e das novas condições de vida do futuro são justificáveis pelos mais diversos motivos, porém, acredita-se que os trabalhos de arte e tecnologia estão colaborando para que essas questões possam ser refletidas através das experiências ocorridas durante suas realizações práticas. Cooperam também, num sentido de fazer as pessoas experimentarem as tecnologias, fazê-las sentir como estas podem modificar nossas vidas, sem ter o aspecto rígido de um experimento científico.

Além disso, as propostas artísticas aqui refletidas estão reformulando o corpo humano, gerando novas demonstrações estéticas e possibilitando novas maneiras de o ser humano poder atingir um grau maior em sua individualização, em um meio que se torna cada vez mais globalizado.

Referências bibliográficas

ARANTES, Priscila. **@rte e mídia**: perspectivas da estética digital. São Paulo: Ed. Senac, 2005.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

COUTO, Edvaldo Souza. **O homem-satélite**: estética e mutações do corpo na sociedade tecnológica. Ijuí: Ed. Unijuí, 2000.

FOGLIANO, Fernando. **Processos interativos pelo viés da prática artística**. In SANTAELLA, Lucia & ARANTES, Priscila (orgs.). Estéticas Tecnológicas: novos modos de sentir. São Paulo: Educ, 2008.

FRAYZE-PEREIRA, João A. . **Arte, Dor**. Inquietudes entre Estética e Psicanálise. Cotia-SP: Ateliê, 2006.

GONZÁLEZ, Jennifer. **Envisioning Cyborg Bodies: notes from current research**. In BELL, David & KENNEDY, Barbara M (orgs.). *The Cybercultures reader*. Londres: Routledge, 2000.

MEDEIROS, Rosie Marie Nascimento de. **Body Art e existência: o conhecimento do corpo na educação física**. In NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. *Escritos sobre o corpo: Diálogos entre arte, ciência, filosofia e educação*. Natal, RN: Ed. UFRN, 2009.

MILLET, Catherine. **A Arte Contemporânea**. Lisboa: Piaget, 1997.

ORLAN. **O manto de Arlequim**. Curadoria/ texto crítico de Daniela Labra. In: *PERFORMANCE Presente Futuro*. Rio de Janeiro: Oi Futuro/Contracapa, 2008.

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e Artes do Pós-humano**. Da Cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

TIBON-CORNILLOT, Michel. **Os corpos transfigurados: mecanização do vivo e imaginário da biologia**. Lisboa: Piaget, 1992.

VIRILIO, Paul. **A Arte do motor**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

WARR, Tracey (ed.). **The Artist's Body**. Londres: Phaidon, 2000.

Referências Digitais

ANZAI, Koiti. **O corpo enquanto objeto de consumo**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. n.21, Jan-Mai, 2000. Disponível em <http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/786>. Acesso em: 21 jun. 2012.

FRANCO, Edgar. **Stelarc: Arte, tecnologia, estética e ética**. Revista Educação e Linguagem. v. 13, p. 98-115, 2010. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/download/2432/2395>>, acesso em 23 mai. 2012.

SANTOS, Alexandre. As imagens em trânsito de Orlan. In: 18º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS - TRANSVERSALIDADES NAS ARTES VISUAIS, 18, 2009, Salvador. **Anais eletrônicos do 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**. Salvador, Ufba, 2009, p.1382-1397. Disponível em <http://www.anpap.org.br/anais/2009/pdf/chtca/alexandre_santos.pdf> Acesso em: 19 set. 2011.

STELARC. *Ear on arm: engineering internet organ.* Disponível em <<http://stelarc.org/?catID=20242>>. Acesso em: 21 mai. 2012.